

A Fangureira

POLA LEY E POLA GREY
QUINZENÁRIO REGIONALISTA

Director: ANTÓNIO CARLOS ESTEVES

Editor: C. HIPÓLITO REIS

Administrador: ARMANDO SARAIVA

Proprietários: António Carlos Esteves, C. Hipólito Reis, Armando Saraiva e Albino Pedrosa Campos

Redacção e Administração: Rua Azevedo Coutinho
F A O

Composição e Impressão: Tipografia «Vitória»
BARCELOS — Telefone 8428

O Milenário de Fão

Por A. SARAIVA

SEGUNDO a notícia vinda a lume num jornal pòveiro e que noutra local se transcreve, passou no dia 6 de Março o centenário do nascimento do grande fangureiro P.º Jerónimo Chaves que ao serviço de Fão dedicou vários anos de actividade jornalista, a saúde e os haveres. E, no entanto, esta data passaria despercebida entre nós, se o publicista Baptista de Lima e nosso amigo não a tivesse revelado no jornal D. Calino Português, que proficientemente dirige. Parece isto revelar que em Fão não existe gente, que entre nós não há estudiosos e muito menos uma consciência bairrista que se orgulhe e ufane dos feitos de seus filhos mais ilustres.

Não é, porém, verdade a inexistência de um grupo de doutores, sacerdotes, estudantes, professores e outros indivíduos com preocupações de ordem cultural da terra de Fão. Em relação aos povos vizinhos o nível social fangureiro, representado, convenhamos, pelos indivíduos com estudos meta-primários, é superior. Contudo, se essa realidade representa um bem, implica igualmente um mal. E porquê?

Admitindo a existência de numerosos intelectuais (em relação ao meio chamemos-lhe assim) eles existem apartados em agrupamentos, além de estanques, antagónicos também que, dissociando o ideal do conjunto, vivem a comentar, criticar, deturpar, mal dizer e frustrar acções mútuas. E isto é para uma terra exígua como a nossa de catastróficos resultados.

De certo modo a existência de um único intelectual, normalmente capaz, núcleo de um corpo bairrista, conduziria com mais eficiência os destinos de uma terra.

Ora neste ano milenário, se houvesse unidade em Fão, decerto que se promoveriam algumas realizações que festejassem

com sentido de perpetuidade data tão honrosa. E isto é de lamentar porque acusa a inactividade, apatia e ineficiência dos fangueiros nesta época do fim do segundo quartel do século XX. Assim nós queremos apelar à gente responsável de Fão para que se crie na nossa terra uma comissão cultural com o fim de assinalar condignamente o milenário fangureiro.

Quem deverá ser então o agente unificador destes intelectuais ciclopes fangueiros? Parece-nos que esse papel cabe à Junta da Freguesia, já pela autoridade de que dispõe, moral e oficial, já porque no seu âmbito de acção o papel cultural se impõe como necessidade, já porque o seu Presidente, sendo um estudioso Professor e de esforço persistente, reúne as qualidades necessárias para agregar à sua volta o corpo de acção desejado.

O critério de escolha offerece-nos delicado porquanto, na nossa terra há mais uma preocupação de êxito pessoal do que de realizar algo benéfico para a terra. A vaidade e os princípios pessoais sobrepõe-se ao bem comum. No entanto a personalidade dos membros da Ex.ª Junta desprezará essa constante fangureira e escolherá pessoas idóneas, capazes e activas, não importando a densidade de rabugisse da não seleccionada. O alvo é Fão. Como um dos programas a cumprir lembramos à futura comissão a necessidade que haveria em editar em obra o profundo e criterioso estudo do Sr. Coronel Sequeira, bem como de promover a reedição das obras do Padre Chaves. Os livros perpetuam a vida dos povos, são, como disse alguém, a memória do tempo.

Deixamos aqui este alvitre que inegavelmente reúne vantagens para o vulgo milenário.

Valerá a pena escrever sobre a nossa terra? Haverá gente em Fão?

SALDO DA QUINZENA

1 Sem música, sem foguetes e sem repicar de sinos, passou há dias o quarto aniversário da posse dos Excelentíssimos Presidente e Vice-Presidente da Câmara Municipal de Esposende.

Quatro anos de problemas, alegrias e tristezas, canseiras e sucessos, calma e sobressalto, sonhos e certezas, luta e desânimo. Ao fim, quatro anos de realidades que são uma grande obra, quatro anos de imensa actividade semeada por esse concelho fora, com muita saúde e energia à mistura.

Pedradas e injustiças, não têm faltado. Alto preço, na

verdade, para quem se sacrifica ao serviço do público. Mas ter adversários é sintoma de força e de vitória. Bendita seja a vida por tamanha graça e por tão grande prémio!

Mais um ano passou. Na carreira imperturbável do tempo não mora o cansaço nem a fadiga. E um novo ano vem, outra etapa começa.

Alheia a ameaças tolas, cabeça bem erguida, olhando de frente e sempre a direito, a Excelentíssima Câmara tem o caminho traçado: continuar a obra. Que o vai trilhar, não duvidamos. O que está feito responde perfeitamente pelo que há-de fazer-se.

Para Esposende, que vive a luta de cada dia, isso significa a continuação deste ar lavado que cheira a vida nova a que já nos habituamos. Para a Nação, é a continuidade de uma política que é a bem da Nação.

2 De novo a terrível máquina do despotismo e da tirania, caiu sobre a vítima escolhida. Mais uma "libertação" a acrescentar ao rol de tantas que o mundo já viu. Lá para os confins da Ásia, o abutre comunista deitou as garras no Tibete. Experimenten-

(Continua na página 5)

VENCIDO

O Pensamento sofre, desviado
Da sua mais premente condição.
Tem assomos sinistros de vulcão,
E mergulha no charco do pecado.

Rancoroso, cruel, transfigurado,
Derrama sombras, numa convulsão,
Capaz de provocar a Perdição,
Embora o Mundo seja destruído.

Em nome do Saber, reconheceu,
Que mal cabe na Terra... Destemido,
Novos astros procura dominar.

Num orgulho fatal, enlouqueceu,
O seu fantasma paira, já vencido,
Nesses espaços, onde quis chegar!

ARNALDO DE AZEVEDO PINTO

«Villa nuncupata fano»

ORIGENS

3. O nome

Pelo Coronel Zeferino Sequeira

É opinião geralmente aceite que o topónimo «Fano» (Fão) tem por étimo o vocábulo latino «fanum» que significa um recinto ou um templo dedicado a uma das muitas divindades dos romanos. Xavier Fernandes (Topónimos e gentílicos — 1941) diz-nos que Fão tem uma designação que para Leite de Vasconcelos, é «um onomástico representante da religião dos nossos maiores pois corresponde perfeitamente, quanto à fonética, ao latim «fanum», santuário.»

Alberto Sampaio (ob. cit.) é da mesma opinião: «O próprio nome — villa nuncupata fano —... esse «fanum» seria um dos muitos tempozinhos pagãos espalhados nos campos e deste, por qualquer motivo tornado notável, ficou memória na toponímia.»

Sendo assim, Fano significaria «templo pagão» e recordaria a existência desses diversos templos por toda a parte construídos pelos romanos ou romanizados e que mais tarde os cristãos destruí-

ram inexoravelmente onde quer que os encontrassem. De todos eles nada resta a não ser em Évora onde existem ainda de pé algumas das formosas colunas do famoso templo de Diana.

Em geral, o significado dos topónimos é indício seguro para a averiguação histórica. Foi, nesta base, que Alberto Sampaio aventou a hipótese de no terreno da herdade ou «villa» ter existido, anterior ou posteriormente à sua demarcação, um tempozinho qualquer que, sendo talvez o único acidente de relevo na monotonia da paisagem, lhe fixou o nome.

Caso análogo se deu com o topónimo italiano «Fano» que designa uma cidade com cerca de 25.000 habitantes, na província de Pezaro e Urbino e cujo nome provém do fanum fortunae.

Acerca desse «fanum» que teria dado origem ao nome de Fão nada se sabe digno de crédito, embora haja quem diga — por dizer — que o fundador desse templo fôra o

«Jornal Feminino»

Da Mulher para a Mulher

Visitou-nos esta notável revista, que, sob a orientação da ilustre Escritora D. Elisa de Carvalho, se publica no Porto.

Notável — sim senhor! — quer pelo pensamento que a norteia, variedade e valor dos assuntos tratados, quer pelo magnífico aspecto gráfico, do melhor que sai dos prelos portugueses.

O último número recebido — o 33 — tem variadíssimas secções: Crítica Literária, Conto, Poesia, Artes e Artistas, Folhetim, Jogos Florais, Vida Musical, larga reportagem da Semana Santa, em Braga, Reunião da Imprensa Nortenha em Lisboa... Variadíssima!

E' a revista feminina por excelência.

A sua directora, D. Elisa de Carvalho — espírito dinâmico e empreendedor — é, também, o espírito gentil que se impõe pela afabilidade do trato e pelos fulgores da sua inteligência.

Por isso, a obra dirigida, compartilha as virtudes da criadora...

«Jornal Feminino», alegre os lares.

POSTAIS DE BARCELOS

UMA PROCISSÃO MAJESTOSA

VAI realizar-se, por ocasião das Festas das Cruzes, na nossa cidade, com imponência e brilho, uma majestosa procissão comemorativa da Invenção da Santa Cruz. Este facto do encontro, no monte Calvário, da Cruz em que o Mestre Divino foi supliciado, deve-se à Mãe de Constantino Imperador, a piedosa e santa Helena. Nas Festas das Cruzes, em honra do Bom Jesus de Barcelos, enquadra-se maravilhosamente uma procissão evocativa deste acontecimento.

É costume nesta Terra primar-se nas procissões. A ordem, a escolha das figuras alegóricas, dos andores, das pessoas que se incorporam, tudo, afinal, costuma ser muito bem pensado e escolhido de forma a im-

primir ao cortejo religioso uma grandiosidade e fulgor inexcitáveis.

Anuncia-se, para maior luzimento, que na procissão tomarão parte as Autoridades concelhias e Distritais sob a alta presidência do Senhor Arcebispo Primaz. Será, indiscutivelmente, no programa das Festas, um número extraordinariamente brilhante e, por outro lado, muito apropriado a soleinidades desta natureza. Dizemos isto porque tantas vezes se esquece o aspecto fundamental destas comemorações — aspecto profundamente religioso — para se atender apenas aos folguedos e passatempos mundanos. Parabéns à ilustre comissão que procura, deste modo, estar à altura da missão que lhe foi confiada.

NOTAS PESSOAIS

No Rio Cávado, em Barcelinhos, uma criança de quatro anos de idade, ao tentar apanhar um ramo de flores que ia pelo rio abaixo, caiu e foi salva de morrer afogada, por o seu companheiro Delfino José do Vale Pereira, surdo-mudo de nascença, de 10 anos de idade, com risco da própria vida, ter-se atirado imediatamente à água.

—A feira franca das Cruzes, no corrente ano,

proconsul romano Décio Junas Brutus quando pelo ano de 183 (A. C.) atravessou o Douro e, atacando as "citanias" que encontrava no seu caminho dispersou os seus habitantes, chegando até ao rio Minho, donde regressou sem deixar atrás de si quaisquer forças de ocupação. Simples incursão ou raid de reconhecimento que não teve outro resultado prático que não fosse o conhecimento das dificuldades encontradas e a previsão das que haveria a enfrentar e que eram de tal ordem que só passado século e meio o domínio romano conseguiu estabelecer-se definitivamente na Península. Não é, pois, de crer que o proconsul tivesse perdido o seu tempo a fundar templos numa região hostil de que a ocupação lhe era impossível realizar.

Nada se sabe acerca desse "fanum" nem mesmo há a certeza da sua existência. Porque há quem opine "que Fão se liga ao grego "phanós", farol" (Xavier Fernandes, ob. cit.) e neste caso — dado que seja aceitável tal opinião — fano denunciaria a existência de um farol, ou coisa parecida, em terras fangueiras. Resta saber se, ao tempo, o tráfego marítimo seria tão intenso que justificasse essa existência.

Mas Xavier Fernandes diz mais: "houve também quem pretendesse aproximar o mesmo topónimo (Fão) de Fain ou Fains, nome de localidades francesas, provindo do franco "fanni" — pautano. J. Piel, porém, firmado em vários argumentos, não aceitou nada disto, inclinando-se a relacionar Fão com Fano, nome longobardo (gótico, fana; antigo alemão, Fano; moderno Fahne, bandeira).

Doentes

Encontra-se doente, o nosso bom amigo Sr. Celestino Gomes Pires. Folgamos com as suas melhoras.

Desastres

Quando se encontrava na pista de automóveis sofreu um desastre, fracturando duas costelas, a Senhora D. Cândida G. Calafate.

— Também no dia 23, sofreu aparatoso desastre o nosso assinante Sr. Américo Martins Miranda.

Partidas

Para Angola, embarcou o Sr. Manuel de Sousa Gaifém. Fazemos votos por uma feliz viagem.

Templo — do latim? Farol — do grego? Pântano — do franco? Bandeira — do alemão? E mais opiniões haverá ou poderão aparecer ainda sem que nenhuma delas se possa sobrepor definitivamente a qualquer das outras.

De qualquer modo, a opinião mais seguida é a de que a origem do topónimo Fão se encontra no latim "fanum".

A título de curiosidade indicam-se a seguir algumas localidades cujos nomes se aproximam mais ou menos do de Fão:

Em Espanha, Oviedo — lugar e freguesia de S. Juan de Fano e lugar de Fano na freguesia de Santa Maria Madalena de Libaralón — Na Itália, cidade de Fano na província de Pezaro e Urbino — Na Grécia, Mar Jonio, a pequena ilha de Fano, próxima de Corfée — Na Dinamarca a ilha de Fanø em frente a Esbjerg, Schlesvig — Na Turquia Asiática, no Golfo Pérsico (?) a cidade de Faô.

realiza-se no próximo sábado dia 2 de Maio.

— Reabriu no passado domingo o Salão de Chá da Esplanada do Turismo, agora sob a gerência da Sr.ª D. Dalila Maria de Carvalho Pena Nunes Prudente.

— A nossa terra prepara-se activamente para as tradicionais Festas das Cruzes, a realizar nos próximos dias 1, 2 e 3 de Maio, encontrando-se no vasto Campo da Feira, em pleno funcionamento, numerosas diversões.

C.

DE FONTE BOA

Telefone

Segundo informações fidedignas vai esta freguesia ficar dotada, brevemente, de um melhoramento que podemos classificar de necessidade número um. Se a memória nos não atraiçoar, já há cerca de oito anos que esta falta tem sido abordada por várias vezes e já então se classificava no número que ainda hoje lhe damos. Aqueles que, de facto, se interessaram pela resolução deste problema daqui enviamos o nosso sincero reconhecimento, traduzindo desta forma o sentir de todo este bom povo.

Recordando

Já que falamos em melhoramentos, será talvez conveniente chamar a atenção a quem de direito para o mau estado de conservação em que se encontram alguns caminhos desta freguesia. Seria conveniente e até louvável que se reparassem, pelo menos, alguns dos caminhos centrais e de maior movimento. Aqui fica a lembrança para aqueles que têm a felicidade de lhes passar à porta uma boa estrada ou um caminho transitável.

Casamento

Na vila da Póvoa de Varzim e no pretérito dia 18, uniram-se pelos laços matrimoniais a Sr.ª Maria Morais de Campos, filha do Sr. António Fernandes de Campos e de Laurinda Ferreira de Morais com o nosso amigo Manuel Morais Cruz, filho do Sr. Alvaro Gomes da Cruz e de Maria Gomes Morais.

Aos noivos que fixaram residência nesta freguesia apresentamos os nossos parabéns e desejos de muitas felicidades. — C.

Oferta aos Bombeiros

Últimamente foi oferecido à Benemérita Associação dos nossos Bombeiros um donativo no valor de quinhentos escudos pelo Senhor Dr. Manuel Sampaio e Castro. Mais uma vez este bom amigo, grande entre os grandes fangueiros, deu provas do seu amor à terra de Fão, que ele adoptou como sua há já vários anos. Bem haja.

AGRADECIMENTO

JOSÉ MOREIRA DA SILVA, profundamente sensibilizado pela forma dedicada como foi tratado pelos Snrs. Drs. Artur J. Barrote e António Fernandes Torres, durante a doença que ultimamente o obrigou a guardar o leito, vem apresentar o seu mais reconhecido agradecimento, dando público testemunho do valor e competência dos ilustres clínicos que o curaram de tão grave enfermidade.

Não podendo agradecer pessoalmente a todas as pessoas que se interessaram por si durante a sua enfermidade, aqui deixa também expresso o seu testemunho de gratidão.

Fão, 10 de Abril de 1959.

José Moreira da Silva

Aniversários

No último dia 23 passou mais um aniversário o nosso querido e saudoso amigo, Manuel Raimundo Domingues Ferreira, ausente no Brasil, a quem enviamos um abraço de parabéns.

Fizeram anos:

ARBIL

Dia 8 — José António Pereira Ferreira.
Dia 14 — Albino Artur Soares Nogueira.
Dia 18 — D. Laurentina da Silva Carvalho.
Dia 19 — D. Maria Elisa dos Santos Pereira.

Fazem anos:

Dia 28 — D. Dalila Augusta Martins Azevedo Carneiro Brito e a Menina Herondina Maria Capitão Machado.
Dia 29 — Daniel Carlos.

MAIO

Dia 2 — Álvaro de Campos Neiva, Brasil.
Dia 3 — D. Hermínia de Assunção Matias Sequeira.
Dia 4 — Menina Dulce da Costa Maia e Valdemar Gomes da Costa.
Dia 6 — D. Albina Barros Peixoto.
Dia 7 — D. Conceição Morais Gonçalves.
Dia 9 — Cândido Alves dos Reis e António de Freitas L. Campos.

Adivinha

Sou pirata d'olho vesgo
Tenho pala mas não uso
Olho p'ró leme de nesgo
Eu navego no Abuso
Barco da minha feição
Que morde como um cão
Com as fijas que garatujo
As ondas e o marujo
Que no comando não teme
Nem se lamenta nem geme
Com as minhas abordagens
Canalhices e virgens
De pirata sem bandeira
E com moral de rameira

Sou pirata d'olho vesgo
Tenho pala mas não uso
Olho p'ró leme de nesgo
Sou bandalho e só acuso.

Rogério

(Solução no próximo número)

Casamento

No dia 19 de Abril, na Igreja Matriz da Póvoa de Varzim, realizou-se o casamento da nossa conterrânea Maria Cândida de Azevedo Ferreira, gentil filha da Sr.ª D. Maria Gonçalves Azevedo e do Senhor Manuel de Jesus Ferreira, ausente no Brasil, com o Sr. Vladimiro Lopes Rebelo, Funcionário Bancário, filho da Sr.ª D. Maria da Encarnação Rebelo e do Senhor José Lopes Rebelo.

Foram padrinhos, por parte da noiva, o nosso prezado conterrâneo e amigo Sr. Manuel Gomes Penetra e Ex.ª esposa, Sr.ª D. Idalina Salgado Penetra, e por parte do noivo, a Sr.ª Professora D. Dulcília Augusta Carneiro e o Sr. Doutor juiz Luís Viana de Lemos.

Foi oficiante o rev. P.ª João Marques, tendo tomado parte na cerimónia o Rev. Prior da Matriz. Realizou-se depois, em casa da mãe da noiva um fino copo de água.

Os noivos que fixaram residência na Póvoa de Varzim partiram em viagem de núpcias para o sul do País.

Aos neo-nubentes deseja O Fangueiro as maiores felicidades.

Notícias de S. Bartolomeu do Mar

Telefone Público

Segundo nos consta vai ser criado muito em breve um posto de telefone público em S. Bartolomeu do Mar no estabelecimento do Sr. José Martins Cepa, actual posto do correio. Desde há muitos anos que se vem notando a sua falta numa terra tão desenvolvida e dada aos progressos da civilização. Parabéns ao fomentador.

Férias

Chegou, há dias, de Anadia onde foi passar as férias da Páscoa, o incansável professor José Capitão Cepa. Outrossim, nos consta que o mesmo ilustre professor que exercia impecavelmente o magistério em Palmeira foi transferido, em atenção aos seus merecimentos, para a freguesia de Marinhas.

Felicitemos este nosso amigo e fazemos votos para que continue a aliar às qualidades de bom professor as de bom pedagogo bem manifestadas nos alunos que lhe passaram pelas aulas. — C.

Vendem-se

Duas casas, uma térrea e outra torre, electrificadas, na Rua Serpa Pinto, 101, em Fão, com quintal que cobre uma área de 2.000 metros, todo coberto a vinha, com grande pomar e algum bravio.

Motivo retirada para o Brasil. Ver a qualquer hora.

Anunciem no

O Fangueiro

Sobre a nossa «ROTA»

Por JOSÉ CARLOS DE VASCONCELOS

DEIXAR desde já fixada — em princípios mais ou menos rígidos — o que será a nossa «ROTA», era uma limitação. Deixar desde já definida a nossa «ROTA» — traçando no mapa um caminho do qual não nos seria lícito, depois, o afastamento — era uma limitação maior ainda. Mas, deixar completamente por esclarecer a nossa posição perante algumas questões, afigura-se-nos também como pouco aconselhável. Pelo que deixaremos aqui algumas breves palavras sobre a posição de «ROTA» perante esses tais problemas.

* * *

A «ROTA» — como Suplemento de Letras e Artes que é — não lhe interessam quaisquer outros problemas — como, por exemplo, os políticos, sociais ou religiosos — a não ser quando estes se possam reflectir directamente na literatura ou na arte. O que não quer dizer que aos colaboradores do Sup. fique vedado, fora dele, tomar posições sobre tais problemas: posições que podem divergir, ou, até, ser antagónicas.

Sobre outro aspecto que em «ROTA» não há quaisquer restrições de escola, grupo, tendências literárias ou artísticas, idade, etc. «ROTA» procurará sempre ser literária e artisticamente independente: e, para tanto, não se filia em quaisquer correntes ou escolas, nem tem preferência. Aplaudirá tudo que é válido — seja de ontem ou de hoje — e reprovará tudo que o não é: seja de hoje ou de ontem. Pois, se «ROTA» acolhe com a maior simpatia tudo que é novo, nem por isso despreza o que é antigo.

«ROTA» procurará sempre, na sua crítica, ser livre, independente, e ter uma visão ampla e lúcida. Combaterá tudo o que seja exclusivismo ou fanatismo, pois considera que os escritores e os artistas estão muitos para além das escolas, correntes e estilos. O que verdadeiramente importa é que os escritores e os artistas sejam sinceros e humanos — como diria José Régio «vivos».

(Continua na página quatro)

Mitsune

OS Japoneses chamam ao século VIII a era de Nara por ter sido estabelecida nessa cidade a capital do Império. É a idade de ouro da poesia e dela chegou até nós um admirável cancionero poético intitulado «Manyoshu», ou seja, «recolha de dez mil folhas», que foi terminado nos fins desse século ou princípios do seguinte.

Colaboraram nessa colectânea imperadores, imperatrizes, cortesãos, damas da corte, nobres e funcionários que cantaram temas variadíssimos.

Entre toda essa extensa pléiade de colaboradores, destacarei hoje o grande poeta Mitsune, injustamente ignorado no Ocidente como quase todos os poetas nipónicos. Eis a tradução de duas poesias suas, que poderão dar uma pálida ideia desse extraordinário vate para quem a natureza foi a inspiradora perene de sentimentos delicados e quase sempre tristes.

Linda noite de Luar,
Luar tão branco e tão vago.
Longe, a flor da ameixeira
Mergulha na água dum lago.

Não a vejo; apenas sinto
O seu perfume a ascender.
Guiado por esse odor
Talvez a possa colher.

Longe, num lago de inverno,
Triste, por sua desdita,
Encontrei sem companheira
A cerceja que o habita.

Se a minha amada vier
Sentindo por mim paixão,
Ave!, não quero que fale
Desta triste solidão.

M Á R I O F I U Z A

Soneto

Manchadas de calor primaveril
e apaixonado, quase belo, essas
palavras despontaram, indecisas,
na planície sangrenta dos teus lábios.

Soaram magoadas em distância,
como passos crispados sobre a relva
húmida, como beijos, ou talvez
como folhas tombadas para um lago.

Sementes de ternura generosa,
o vento as acolheu, com simpatia,
e veio dar-mas em silêncio. Só

em mim elas floriram, esperando
um eco renovado.

E foi essa
a humilde resposta arremessada.

Coimbra, 1959

WALDEMAR ANDRADE



Desenho inédito

MANUEL RIBEIRO DE PAVIA

P O E M A

Quando voltares
se é que alguma vez regressarás ao teu antigo mundo ultrapassado já
não venhas dolorida e triste como a saudade da noite que nem sequer chegou

é infinita a nossa fome e sede de infinito
e a nossa carne está milénios para além do nosso eu obscuro inconsciente

torna a mim
sem vergonha e sem pudor desnecessariamente diluídos na tua alma moribunda

e vem
não como tu eras mas como tudo o que serás quando tiveres coragem de te olhares

que a nossa vida talvez seja uma experiência
e o universo um laboratório bacteriológicamente incontaminável e reactivamente pré-determinado

quando voltares
não sintas vergonha mas orgulho das minhas lágrimas humanamente choradas

FERNANDO CARDOSO SANTOS

FIM DE NOITE

Um conto de HUGO LOPES

A manhã nascia débil e receosa. O sol a custo vencia o nevoeiro humedecidamente cinzento.

Difusas, quase espectrais, as formas porque o mundo se nos revela: Formas que a natureza criou rudes ou singelamente belas, exóticas ou somente naturais. Formas que a mão do homem em seu irreverente nervosismo soube fazer nascer com trabalho e sacrifício. (Formar — entes esparsos pelo nevoeiro onírico, resto de noite na manhã fim-de-sonho).

André levantou os olhos e enrugou a testa. Procurou algo de definido na geografia da paisagem. «Ali sob o manto de névoa a cidade dorme». Passou a mão pelo cabelo húmido. Uma manhã que os outros julgarão igual a outras manhãs e no entanto diferente... Talvez uma calma semelhante, uma paz semelhante... Mas para além dos ponteiros do relógio, que tomam a palavra *tempo* inteligível, ficará o próprio tempo a marcar diferentes a paz semelhante das manhãs semelhantes. A manhã que é hoje, embora aparentemente igual no seu nevoeiro e vida adormecida, não é a mesma de ontem. O tempo, ele mesmo, que não é senão uma estranha palavra que em mim baila, soube fazer uma manhã ontem, outra hoje». Olhou, menino de olhos abertos. «O que espanta é esta certeza de só ser verdade aquilo que tenho como verdade dentro de mim: a manhã que me chega através dos olhos e que tomo minha como um bocejar de tédio, involuntário e inevitável, o nevoeiro cinzento que me passa a mão narcotizante pelas fontes, e o ter os pés no chão no sítio em que os tenho...»

Tirou o tabaco do bolso, e lentamente como se representasse o drama de si mesmo, colocou o cigarro entre os lábios... E além disso esta coisa viva que tem o meu nome e por isso sou *EU*, mortal, como um dos quase dois bilhões de mortais deste mundo. Eu, e o que em mim ficou do que fiz. Há quem lhe chame Passado...» Risçou um fósforo na caixa e acendeu o cigarro. «Chamo-lhe o *que fui*, e que continua a ser agora em mim como uma história contada por um amigo, ou lida num livro.» Apertou com força o cigarro entre os dedos. «O que sou agora, afogado numa manhã de nevoeiro, cansado por uma noite de festa, melancólico e solitário... E o que era à pouco: expansivo, alegre e divertido. *Como se morre e nasce a cada instante*. Olhou as casas altas e as torres das igrejas, nadando na



manhã imperfeita. Atirou para longe o cigarro. «Demasiado estranha esta manhã. Sinto-a como o início dum desgosto, como a insólita consciência duma solidão... da solidão sem nome que é cada ser humano». Cuspiu o sabor amargo do tabaco e olhou mais uma vez o morrer da madrugada. «O sol venceu o nevoeiro... Sinto-me senhor dum mundo onde já nada mais desejo, os meus exércitos perfilam-se vitoriosos, cada árvore é um amigo a gritar-me cada casa uma mão de mulher acenando-me... E no entanto, vitorioso no meu mundo, tudo parece não ter significado para mim». Esfregou os olhos com as mãos fechadas.

«Será sempre assim?»

«O debate em torno dos conceitos de realismo e abstracionismo, objectivismo, naturalismo e intelectualismo, essencialismo e formalismo, nacionalismo e cosmopolitismo, intervencionismo e abstencionismo, atingiu nos nossos dias uma acuidade sem precedentes, infiltrando-se nas nossas mais descuidadas fruições da arte. A tal ponto que chega a acontecer ficar a arte um pouco esquecida, como fonte de sincero prazer estético, nesse alvoroço de querer a todo o custo afei-la e guiá-la. E tem por certo alguma razão Eshenburg quando, com uma ponta de exagero faz dizer a um dos personagens do seu romance «Degelo»: «Hoje em dia toda a gente se importa com a arte e ninguém a ama». Por outro lado, um excesso de reflexão não corre o risco de embotar a espontaneidade, não só da fruição, mas também da criação artística? Nada mais inibitório, decerto, para o criador, do que sentir-se peado por normas e limites que não decorram da própria concretização intencional que a criação visa.»

JOÃO JOSÉ COLCHOFEL

“ R O T A ”

APLAUDE: Manuel de Oliveira, o maior valor do cinema português, e o único homem que continua sem transigir, mantendo-se fiel ao seu princípio de considerar o cinema como uma arte e não como um comércio. Manuel de Oliveira, após ter realizado um documentário em Portalegre, sobre José Régio e a sua casa-museu, tem em preparação «A caça», realizado na zona de Aveiro.

O. S. N. I. por — através do Fundo do Cinema Nacional — ter concedido subsídios à Secção de Cinema Experimental do Cine-Clube do Porto (que vai realizar o «Auto de Floripes») e a Manuel de Oliveira.

A criação dos prémios «Ática», para conto, novela ou romance, e «Fernando Pessoa», para poesia, instituídos pela Editorial Ática.

A realização da primeira Retrospectiva do Cinema Português.

A criação — pelo Clube Fluvial Vilacondense — duma secção de cinema, a funcionar em moldes cine-clubistas.

Todas as instituições e organismos, revistas ou jornais que vêm tentando contribuir para o engrandecimento das letras e artes.

A Associação de Jornalistas e Homens de Letras do Porto pelas suas interessantes iniciativas.

CENSURA: A falta de honestidade de certos métodos — que corresponde à falta de honestidade de certos «fazedores» de fitas — empregues por alguns indivíduos ligados ao cinema. Agora em Espanha, por exemplo, está a fazer-se o primeiro filme cheiroso...

A indigência da maioria dos críticos cinematográficos dos jornais diários — os quais parecem não terem o mais rudimentar conceito do que é a arte chamada «cinema».

A pobreza dos últimos filmes produzidos em Portugal. Pobreza técnica — pois arte é coisa que nessas «fitas» (no sentido pejorativo do termo) não se vislumbra, por muito boa vontade que se tenha.

O. S. N. I. por — através também do Fundo do Cinema Nacional — ter concedido um subsídio a Henrique Campos, o autor desse incrível «O homem do dia», que já deu sobejas provas da sua falta de valor.

A pouca seriedade com que, por vezes, as artes e as letras — e, no estrangeiro, são menos que em Portugal — vêm sendo consideradas.

REGISTA: A vinda a Portugal — onde foi recebido com inexcusáveis provas de simpatia e admiração — do grande romanista brasileiro Eurico Veríssimo.

A vinda a Portugal, igualmente, do escritor do país-irmão Fernando Sabino, e do maior criador da tapeçaria contemporânea: o francês Jean Lurçat.

A exposição — patente em Lisboa e no Porto — dum dos maiores nomes da escultura do nosso tempo: o escultor inglês Henry Moore.

A realização duma retrospectiva da obra de Manuel Ribeiro de Pavia (organizada por um grupo de amigos seus) o grande artista português falecido a 19 de Março de 1957, cujo nome — temos a certeza disso — ficará na história da arte portuguesa, e do qual reproduzimos hoje dois desenhos inéditos, amavelmente cedidos pela revista de cultura «Vértice».

O facto de Ernesto de Sousa ir realizar um novo filme português, «Dom Roberto», o qual terá a colaboração de gente nova (alguma ligada ao cine-clubismo e será produzido em moldes inéditos).

LAMENTA: A recente morte dum dos maiores nomes da poesia portuguesa do nosso século: António Botto, cuja voz cristalina e original para sempre há-de ficar gravada no coração de todos os que amam a poesia.

O falecimento, também, do conhecido jornalista Artur Portela.

Sobre a nossa ROTA

(Continuação da página 3)

Que dos objectivos de «ROTA» será o dialogar com os seus leitores: e, para tanto, agradece a participação de todos. Concomitantemente, «ROTA» acolherá com a maior simpatia toda a colaboração não solicitada que lhe for enviada: embora, evidentemente, não se obrigue a publicá-la desde que o seu valor o não justifique.

✱

E, aqui ficaram meia dúzia de linhas sobre o nosso Suplemento: em que, nem de longe se fixa ou define ou caminho rígido.

Pois, entendemos que a melhor e mais vasta «ROTA» é esta: o não ter uma «ROTA» certa e determinada.

Toda a correspondência para este suplemento deve ser enviada para José Carlos de Vasconcelos — Rua do Correio, 37
COIMBRA

Neste suplemento será feita referência a todas as obras de que nos sejam enviados 2 exemplares.

VARANDA DA PÓVOA DE VARZIM

Electrificação rural

UMA das magníficas obras levadas a efeito e que têm merecido os mais rasgados aplausos, é a electrificação rural.

Valioso benefício, que muito tem contribuído no auxílio à lavoura. No entanto, verifica-se, que nem todos os lugares das nossas aldeias foram ainda bafejados com a luz eléctrica, o que é pena, pois melhor poderiam contribuir no desenvolvimento da região. No caso presente está o

lugar de S. Lourenço, na freguesia de Terroso, que há anos aguarda a sua efectivação.

Desta varanda olhamos a pitoresca povoação e verificamos a necessidade de satisfazerem aquele justo direito aos seus habitantes, que carinhosamente amanham a terra, contribuindo com o seu esforço para o bem do concelho. Que o melhoramento em questão chegue até às suas saudáveis habitações, é o que desejamos a bem da ordeira e muito laboriosa aldeia.

APONTAMENTOS

Deve visitar brevemente esta praia, o Snr. Dr. César Moreira Baptista, Secretário Nacional de Informação.

Foi nomeado secretário da Escola Industrial e Comercial, o professor efectivo, Senhor Eng.º Franklím Marinho.

Pelo «Fundo de Auxílio a Organismos Desportivos», foi entregue o subsídio de esc. 5.000\$00 ao Clube Desportivo da Póvoa.

No Campeonato Provincial de Basquetebol da Mocidade Portuguesa Feminina, o Liceu desta vila, foi finalista, indo defrontar o Colégio de Nossa Senhora da Bonança, do Porto.

Visitou o 1.º grupo de Companhias de Administração Militar, o Snr. General Tavares Valadão, Comandante da I Região Militar.

Na nossa unidade militar, teve lugar a incorporação dos novos recrutas, num total de cerca de 250 homens.

Na Rua 5 de Outubro, foram colocadas novas lâmpadas, merecendo aplausos

este melhoramento de interesse público.

O nosso colega «O Debate», referiu-se em palavras justas ao comentário, sobre os arruamentos em volta do Liceu.

Registamos a gentileza.

No Póvoa-Cine, exhibe-se, hoje, à tarde e à noite, o movimentado filme colorido, «Luta de Morte», com os conhecidos artistas, Joel Mac Crece e Barbara Hall e Gloria Talbott; no Cinema Garrett, passará também às 15,30 e 21,30 horas, a alta comédia em technicolor, «Indiscreta», com Ingrid Bergman e Cary Grant.

Na próxima terça-feira, o Teatro Experimental do Porto, apresenta no Teatro Garrett o drama em 3 actos «Requiem», cuja organização do espectáculo pertence ao Clube Naval Povoense.

No Hospital da Ordem do Carmo, foi submetido a duas melindrosas operações, o Snr. Carlos Calheiros, que desempenhava interinamente as funções de chefe da secretaria da Câmara Municipal.

Encontra-se retido no leito o Snr. Armando Marques, funcionário da nossa edilidade. Desejamos aos enfermos um pronto restabelecimento.

Faleceu a Snr.ª D. Alice Alheiros Rios, esposa do Senhor António Rios, sócio da Garagem Avenida. A família em luto os nossos sentidos pésames.

A tratar de assuntos de interesse para esta vila, esteve em Lisboa uma comissão constituída por elementos da Câmara Municipal e União Nacional, que foi acompanhada pelo Snr. governador civil do Distrito.

Visitaram a Fábrica de Tapetes de Beiriz, o renovador das tapeçarias francesas, Mestre Jean Loucard, arquitecto Roberto Auzelle, Dr. Maurice Ville e esposa, arquitecto Luís Cunha e pintor Amândio Silva, que levaram as melhores impressões daquela nossa indústria.

Do Clube Desportivo da Póvoa, recebemos um cartão de livre-trânsito, para as suas sessões de cinema cultural. Agradecemos a gentileza.

C.

Saldo da quinzena

(Continuação da página 1)

to todas as violências, chafurda em todas as infâmias e, não podendo vingar-se nas ideias, raivosa, feroz e bárbaramente pratica açougada ignobil, sem poupar velhos, mulheres e crianças. Só terror e brutalidade, à boa maneira russa.

Tiraniza-se a consciência do povo, prende-se-lhe os movimentos. Valores morais, não contam; a alma de uma Raça, é fumo; a perenidade de uma Pátria, letra morta.

E chama-se a isto um movimento libertador!... Drama de sangue e de ferocidade, é que é. Desprezo total pelas ideias sublimes que movimentam os povos, isso sim.

E ainda há tantos e tantos que pretendem trocar o ar oxigenado da liberdade pátria por estas «libertações» de botas ferradas e carros blindados e grillhetas!

Novo estabelecimento

Na Rua Azevedo Coutinho, abriu um estabelecimento de fazendas a Snr.ª D. Maria Alves Solinho. Oxalá seja bem sucedida na sua iniciativa.

Falecimentos

Após prolongado sofrimento faleceu em Fão, na manhã do dia 20, a Snr.ª D. Episténia Ferreira Monteiro. Embora esperando-se a todo o momento um desenlace, pois as esperanças de cura iam sendo menores à medida que os dias passavam, a sua morte foi deveras sentida pela população fanguieira.

Quem não conhecia a prestimosa Episteninha, voz de rouxinol, entusiasta nas suas dedicações, viva, activa, simpática ao extremo?

Lentamente a morte foi acercando-se do seu leito sem que ela o percebesse. Tinha uma palavra de agradecimento para quem a visitava; sempre alegre e esperançosa, esquecia a morte, pois havia 4 filhas menores para cuidar.

Infelizmente ela morreu. Era esposa do Snr. Domingos Campos Monteiro, ausente no Brasil e filha da Snr.ª D. Ana Olímpia Fernandes Alves e de José Carlos Ferreira, também ausente no Brasil. Era irmã do Snr. António Lauro Alves Ferreira.

À família enlutada e dum modo especial a suas filhas, Alice, Carmina, Carlota e Maria José apresentamos sentidos pésames.

No dia 18 de Abril, faleceu em Fão a Snr.ª D. Ana Fernandes Pedrosa, mãe das Snr.ªs L. D. Elvira Fernandes Pedrosa, Hermínia Fernandes Pedrosa e de António Fernandes Pedrosa; Sogra dos Snrs. Diamantino Gonçalves dos Santos e Alfredo Correia da Costa e irmã da Snr.ª D. Conceição Fernandes da Costa.

Cinemas

DOMINGO
PÓVOA-CINE
O MEU FIO

com Jacques Tati—12 anos.

GARRETT

Irmão contra Irmão

Robert Taylor—17 anos

Leia e propague

A Fanguieira

À família enlutada e dum modo especial ao nosso amigo Snr. Diamantino apresentamos sentidos pésames.

Com avançada idade faleceu no dia 17 o Snr. João da Silva Vilela, pai do Snr. Júlio da Silva Vilela, regedor de Fão, e avô dos Snrs. João, Jaime e Renato da Cruz Vilela.

O Fanguieiro apresenta a toda a família sentidos pésames.

No Brasil, onde se encontrava há bastantes anos, faleceu o nosso conterrâneo Snr. Manuel da Silva Vilela.

Paternidade

(Continuações da página 6)

Sito em local distante, a que não chegavam quaisquer ruídos significativos, senti-me gelar, ao ver passar ante os meus olhos, uma mesa móvel, pejada com aqueles instrumentos de nomes arvezados e que se destinavam a apressar e a facilitar (?) o nascimento.

E nesse momento, sim! A minha paternidade ainda pouco firme vibrou com aquele golpe, e tudo o que poderia acontecer de pior passou célere pela minha mente, já tão torturada.

Não podia estar quieto no mesmo metro quadrado de terreno e, por isso, enchendo-me de coragem, caminhei para a ala do edifício onde se consumava o acto sublime.

E sei que a passadeira reluzente, dançava na minha frente, que as paredes se estreitavam como que a querer impedir-me de avançar, que o tecto baixava opressivamente (quase que o posso jurar!), tirando-me as forças.

Reagi e segui em frente arrastando os membros a custo.

De súbito dois gritos (eu ia dizer três): o da criança prenúncio de muitos outros que se seguiriam em noites subsequentes e o da mãe, que acabara de sofrer... por momentos.

Se não caí prostrado, isso deve-se aos sólidos sistemas nervoso e circulatório, que não me desampararam em tão precária situação.

Dei graças ao Senhor, por tudo ter corrido bem para a mãe e neófito, mas prometi intimamente não me meter em segunda.

Mas, como disse nas primeiras linhas, já experimentei a paternidade duas vezes, e, creiam aqueles que se preparam para o mesmo, que é uma muito dolorosa experiência.

Isto, para não falar já, no momento mais pungente, que é o da apresentação e pagamento da dolorosa que vai sempre cair nas mãos magnânimas (sem vontade de o ser) do chefe de família.

No entanto (e isto que «elas» não o ouçam) ponderando com toda a acuidade nos diversos itens da questão, sempre é melhor—um pouco melhor—ser pai do que mãe? Não acham?

Póvoa, 2-4-1959.

Câmara Municipal do Concelho de Esposende

AVISO

João Leitão Faria e Vinha, aspirante, servindo de Chefe da Secretaria da Câmara Municipal de Esposende torna público, nos termos do art. 18.º da Lei n.º 2.015, de 28 de Maio de 1946, que desde o dia 1 até ao dia 10 de Maio próximo futuro se encontra patente na Secretaria desta Câmara Municipal, durante as horas de expediente, o recenseamento eleitoral do Presidente da República e da Assembleia Nacional, referente ao ano de 1959, para efeito de reclamação.

Qualquer interessado ou eleitor recenseado no ano antecedente pode reclamar para o Presidente da Câmara Municipal, de harmonia com o disposto no art. 19.º, da citada Lei n.º 2.015.

Câmara Municipal de Esposende, 21 de Abril de 1959.

O aspirante, servindo de Chefe da Secretaria,

João Leitão Faria e Vinha

DE APÚLIA

Por absoluta falta de espaço deixamos de publicar no último número a notícia do seguinte falecimento:

No passado dia dois faleceu, na cidade do Porto, onde residia há vários anos o Snr. Adolfo José da Fonseca, grande industrial na cidade Invicta, natural desta freguesia

Era muito conhecido pelos seus dotes de bondade, pois nunca esqueceu a terra que o viu nascer. Deu avultadas esmolas para a Igreja Matriz, e para a Festa anual em honra do Padroeiro desta terra. Também não se esquecia dos pobres, pois todos os anos dava importantes somas para serem distribuídas pelos mais necessitados desta freguesia.

Esta terra irá sentir muito a sua falta, disso estamos certos, pois pessoas como esta surgem raras vezes.

Que a sua alma descanse em paz.

C.

DA MARGEM DIREITA

Barca do Lago, o antigo Porto de Gonduffi

Pelo Dr. E. R.

DAS várias vezes que nesta secção temos tratado da passagem do Cávado na Barca do Lago, nenhum nome lhe foi atribuído que não fosse aquele porque hoje conhecemos o lugar onde sempre se fez a travessia. Mas sempre se chamou Barca do Lago? Eis a questão.

Entre os topónimos concelhios de que não restam vestígios, Gonduffi, em Gemeses, é-nos essencial. De há muito que se encontra destruído. Não falam nele as primeiras inquirições. Porém, nas de 1258, o topónimo aparece sob as formas de «Porto de Gonduffi», «Gonduffi» e «villa de Gonduffi» referidas respectivamente nas freguesias de Gemeses, Couto de S. Simão de Mazarefes e S. Miguel de Figueiredo. O seu germanismo não deixa dúvidas. E inegável é a existência de uma «villa» rústica de Gonduffi, no termo de Gemeses actual. Talvez esta «villa» tenha sido criada pelos romanos, porque bem os sabemos desde o princípio a tratar de aproveitar economicamente a região. Estou a lembrar-me do topónimo Felícia, ainda hoje ouvido em Fonteboua, e que corresponde a um lugar junto à passagem do Cávado. Não será ele um símbolo? Os achados arqueológicos lá aparecidos não serão uma boa amostra de romanização? Mas voltemos a Gonduffi. A designação deve-se com certeza aos suevos. Assim, podemos assentar em que, na margem direita do Cávado e tendo-o por limite, ficava a «villa» Gonduffi, suévica-martiniana, mas provavelmente de criação romana. A importância do agregado rural coincide com a obra missionária de S. Martinho de Dume. E coincidência igual se deve ter verificado com a modesta passagem do rio, que então alcança um maior valor.

A «villa» de Gonduffi dá o nome à passagem. Tem no seu termo um porto. Porto de Gonduffi se lhe chama.

E o que é um porto? Diz Cláudio Bastos que «o porto é o sítio entre uma e outra margem, por onde se atravessa, se passa o curso de água, seja de que maneira for». Assim, a palavra porto tem o significado de «atravessadouro» de rio ou passagem.

E o mesmo autor diz mais: o porto deve aparecer em ambas as margens. Quer dizer: ao porto da margem direita corresponde outro na margem esquerda. Deste modo, a designação de porto de Gonduffi da margem direita teria correspondência no porto da margem esquerda. Num e noutro ponto atravessa-se o Cávado.

Mas onde ficava a passagem? Onde localizar os dois pontos onde se fazia o embarque e o desembarque?

A palavra porto obriga-nos a procurar uma localização junto do rio. Porque é atravessadouro tem de ser um lugar abrigado; aliás à palavra porto está sempre ligada a ideia de abrigo, protecção. Ora, é junto do Cávado, num lugar de fácil acesso, que tinha de ficar o ponto em que se transpunha o rio. E aí era necessariamente a passagem. Lugar assim, só o da Barca do Lago, tal qual nos pontos que ainda hoje podemos observar. Porto de Gonduffi é, portanto, a designação antiga da Barca do Lago dos nossos dias. O topónimo germânico desapareceu, mas lá continua o de Barca do Lago, herdeiro de um tão intenso sabor histórico, que nos faz saudades da Barca velhinha que já desapareceu.

Mas nós continuaremos.

Esposende, 19 de Abril de 1959

Paternidade

Por FERNANDO BARROS PEREIRA

O sexo feminino merece toda a nossa consideração, não só pelo consolo físico e moral que nos proporciona, como também pelas sublimes dádivas, que nos concede, através da maternidade.

Sou plenamente de acordo e enfileiro até nos admiradores fervorosos dos dotes e graças, nunca desmentidos, do sexo oposto.

Todavia, quero nestas linhas destacar uma nova faceta da vida conjugal, baseado em experiência que não foi única, aspecto esse que vai de encontro a um outro sobejamente cantado por poetas e prosadores, que é o da maternidade.

Se eu falasse sobre tema tão conhecido, iria desiludir, os que lêem com mais ou menos atenção estas linhas.

Portanto, cingindo-me ao reverso da medalha, vou falar antes do caso da paternidade, que nunca encarado a sério é no entanto um caso bem sério.

Já passei por essa dolorosa experiência (experiência moral, claro está!) duas vezes. E de ambas ficou-me uma recordação tão vivida, que ainda suo frio, sempre que me recordo daqueles momentos críticos.

Essa aflição começa por o pai futuro, não saber nessas ocasiões onde se há-de meter.

Se está, dentro do quarto da consorte (ou sem sorte, às vezes...) partilha o mesmo sentimento de dor, com mistura dum certo receio e algum sentimento de culpa.

E, quando o acto de dar à luz se vai complicando e se aproxima o instante supremo, o quarto já parece pequeno, e o corredor do hospital ou casa particular, ressoa sob os passos pouco seguros do digno representante do sexo forte, que nessa ocasião já não se sente tão forte assim, e que ridiculamente, pergunta a todo o instante a marcha dos acontecimentos, a quem quer que cruze a sua rota de sofrimento.

Se é fumante, ainda consegue aliviar os nervos e incomodar os vizinhos, com as longas baforadas seguidas de tosse convulsa, provocada pelo nervosismo.

A mim, o que mais me custou, foi o aparato clínico do momento.

(Continua na página 5)

O FOLHUDO

Pelo rabo se conhece o pavão

(Provérbio chinês)

Um dia, um director de pasquim,
Armando tenda na praça e no botequim,
Falara, de mão espalmada no peito, assim:
L'état c'est moi!
O estado sou eu! Eu sou a folha!
E tudo ficou na encolha.
E de giboia ao pescoço prosseguiu
Com argumentos que ninguém destruiu.
Quem manda na folha, sou eu!
Em geito de quem não é católico nem ateu.

Eu sou a folha de parra
Que de velhinha já catarra.
Eu sou a folha que agasalha
O escarro de todo o canalha.
Eu sou a folha da liberdade
Para o limparem na intimidade.
Eu sou a folha de saragoçano
Onde pontifica qualquer marçano.
Eu sou o judas, a folha da traição,
De noite, beijo a Outra, de dia, a Situação.
Eu sou a folha, sou o Elcanus,
Eu sou da presunção o ânus.
Eu sou a folha, o frasco de cicuta,
Eu sou um grande filho das letras.
Eu sou... não sou coisa nenhuma.
Sou uma parcela do nada,
Um zero no Infinito
Meus senhores, tenho dito.
L'état c'est moi. Ah! Ah! Ah! aaaa...
Chove lêndeadas.

Fausto Figas

História Lendária Peninsular

Por A. FILIPE

ANTES de entrar no corpo do assunto, vou-me permitir, à guisa de prefação, duas palavras de esclarecimento a respeito do assunto que vou expor.

Foi para mim curiosidade altamente recreativa a leitura duns velhos alfarrábios onde se narrava desde a mais fabulosa antiguidade a história da nossa ubérrima península Ibérica. Confesso que gostei!

Apesar do ânimo leve com que fora escrita, não deixa de, como as lendas da fundação de Roma, impressionar e deleitar o espírito do tímido colegial.

Por isso, trazendo à flor da memória tudo o que li, vou para repasto de amenas leituras narrá-la a quem de futuro não tenha possibilidades de vir a compulsar o primeiro volume da «Monarquia Lusitana» ou outro avelhado cartapácio da nossa historiografia. Logo não me perguntem o quantum de verdade histórica se entretalha na tessitura destas linhas.

Desde que se forja dos cadinhos da lenda a estátua dum deus, herói ou antepassado ilustre é impossível destrinçar o ouro estreme, do ouropel que as mãos da fantasia furtivamente lhe acrescentara em desviados acessos de histerismo religioso.

Talvez que *per viam cultus* não fora difícil ao ingénuo povo divinizar até a bailarina Empusa ou a debochada Pompeia que diariamente se banhava no leite de 500 burras de que se fazia acompanhar, se a história com os documentos na mão não gritasse bem alto com a voz zombeteira de menina adolescente. O essencial é voar nas asas da fama. Esta tanto faz crer nas patifarias das bruxas como, há uns três anos, arrastava às montanhas de S. Palo de Antas centenas de beatas (e beatões!) gulosas de sensacionais aparições...

Os leitores que julguem da veracidade do que se vai escrever.

Após o dilúvio, Noé repartiu o mundo pelos três filhos. A Jafet coube a Europa. E logo os filhos deste debandaram todos para o ocidente. Cada um procurou surripiar o que mais pôde. O mesmo fez Tubal, quinto filho de Noé que assistira à confusão das línguas na construção da Torre de Babel. Tomando a esposa e o avô Noé, desceu para Gope, hoje Java. Daqui navega para a Itália e fez desembarcar Noé. De novo acomete as ondas do mar e vai aportar num lugar a que chamou Cabo Sagrado (hoje Cabo de S. Vicente) porque os deuses ao crepúsculo vinham para ali divertirem-se. Metendo-se pela terra dentro, chega às margens do Sado e funda uma cidade que, para eterna memória do caso, ficou sendo chamada Setúbal (nortenhos que Setúbal é palavra composta da palavra latina *sedes* + Tubal: que é igual a residência, morada de Tubal.

Mas nem aqui parou o aventureiro. Embrenha-se pelo interior da Península e chega às margens do Ebro onde se relaciona com os fugitivos do tirano Nembroh, rei da Ibéria, região que ficava na Ásia entre Colchos e Albânia. Aqui nasceu a Tubal o primeiro filho. Em atenção aos estrangeiros pôs-lhe o nome de Ibério donde veio a denominação de Ibéria para a Península.

Sentindo-se cansado e velho, Tubal — o primeiro rei da Península — regressou a Setúbal e aí morreu.

Os mitologistas identificam Tubal com Neptuno e Noé com Saturno.

Sucedeu-lhe o seu filho Ibero, homem pacífico e popular e, por certo, bom marítimo. Ensinou a arte de remar.

Foi contemporâneo da incestuosa rainha da Assíria — Semiramis que, sendo menina, foi encontrada por uns pastores nas margens dum lago quando as pombas lhe iam levar queijo e leite fresco para a alimentar.

Ibero teve uma vida curta. Sucedeu-lhe Idubeda (ou Jubalda) que foi o terceiro rei da Península. Era muito dado à astronomia e bom legislador. Ao princípio viveu junto do Ebro mas depois veio para Setúbal onde foi sepultado ao lado de seu avô.

(Continua)